



Em 2015, Francisco foi cirurgião emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, em Curitiba

“Defendo a carreira do médico”

Para o cirurgião, o sentido da valorização pelo Governo Federal, sem o reconhecimento do trabalho do profissional, há muito, tem prejudicado a prática e o ensino médicos

POR AGATHA CRISTIE

Humanista. Para os colegas de profissão do médico cirurgião Francisco Guimarães Rollemberg, essa é a palavra que o define. Com 55 anos de profissão, ele continua apaixonado pela medicina e afirma: “Só paro de operar quando minhas mãos tremerem”.

Nascido no pequeno município de Laranjeiras, no dia 7 de abril de 1935, e filho de Antônio Valença Rollemberg e Maria das Dores Guimarães Rollemberg, Francisco tem uma carreira brilhante, marcada por títulos, condecorações e a autoria de vários trabalhos científicos, literários e de natureza política.

Estudou as primeiras letras em Laranjeiras e realizou os preparatórios em Salvador, Capital da Bahia, onde ingressou na Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, em 1954.

Diplomou-se no ano de 1959 e, logo depois, especializou-se em Cirurgia Geral. Foi o primeiro médico de Sergipe a ingressar no Colégio Brasileiro de Cirurgiões. E como se não bastasse toda dedicação à medicina, ainda foi deputado federal por Sergipe em quatro legislaturas, de 1971 a 1987, e senador, de 1987 a 1995.

Com a **Revista Somese**, Francisco Rollemberg compartilhou histórias de vida, e, principalmente, falou sobre a prática da medicina. Criticou o ensino médico atual e as políticas do Governo Federal de incentivo à abertura de novas faculdades. “A preocupação da formação médica era a de deixar o estudante em condição de exercer a profissão. Hoje, parece que essa preocupação se diluiu”, resume.

Revista Somese - O senhor diplomou-se em Medicina nos anos 1959?

Francisco Rollemberg - Quando eu fui estudar Medicina na Bahia, era uma dificuldade muito grande entrar na faculdade. O vestibular era complicado, no regime classificatório, e com apenas 60 vagas. Era tão difícil que, da minha turma, apenas 41 foram aprovados, porque tinha uma nota mínima para ser aprovado e nem sempre o número de vagas era preenchido. E não tínhamos faculdades de Medicina com essa profusão que temos hoje. Então, nós, sergipanos, tínhamos que nos dirigir a Bahia, a Pernambuco ou ao Sul do País.

Revista Somese - E como era o ensino naquela época?

FR - O nosso curso era seriado. Então, os três primeiros anos eram dedicados à formação básica, estruturação do conhecimento cultural da medicina. Estudávamos anatomia, fisiologia, física médica, química médica, parasitologia, patologia clínica. Somente depois de muito bem-embasados sobre a prática médica é que começávamos a visitar os hospitais. Daí, estudávamos a propedêutica médica, uma cadeira da maior importância, que significa aprender a examinar o doente, aprender a ouvi-lo e olhá-lo na inteireza dele. A preocupação da formação médica era a de deixar o estudante em condição de exercer a profissão. Hoje, parece que esse cuidado se diluiu. Isso é preocupante!

Revista Somese - E qual a importância desse contato com o doente?

FR - Faz toda a diferença. Hoje, o contato físico entre médico e paciente é uma coisa muito diminuta se comparado com a minha época. Como se dizia, era com o contato com os pacientes que nós aprendíamos a reconhecer os sinais e sintomas da doença. Somente depois disso se chegava a um diagnóstico clínico.

Revista Somese - Qual a percepção do senhor sobre os cursos de hoje?

FR - Percebo que o curso médico de hoje atende a uma nova metodologia didática, haja vista que a tecnologia supriu a necessidade de alguns cuidados pro-

"Eu tenho muito amor à minha profissão. Amo mais ainda os meus pacientes. Todos eles são meus amigos, porque eu tive a paciência de ouvi-los e tratá-los com carinho"

pedêuticos. Hoje, o médico recebe um número muito grande de pacientes para atender em um tempo curto. Dessa forma, fica praticamente impossível o médico pegar um paciente e examinar da cabeça aos pés, apalpar e auscultar.

Revista Somese - Quais são as consequências desse tipo de atendimento tão distante?

FR - Uma das consequências é o encarecimento da medicina, e a tecnologia contribui com isso. Por exemplo, a quantidade de exames pedidos para um único paciente é muito alta. Na tentativa de identificar um problema localizado, o paciente faz muitos exames, gasta muito dinheiro e, no final, o médico vai dizer que ele não tem nada. Tudo isso porque não foi feita uma consulta cuidadosa, minuciosa. Mas, também, é preciso destacar que isso é um ciclo, em que os médicos também acabam sendo coagidos a pedir exames.

Revista Somese - O que há na prática médica atual e no modelo do ensino da Medicina que falta na essência?

FR - Teste vocacional. Medicina é uma coisa de alma e de amor. Quem não tiver amor não pode exercê-la. Os estudantes e os médicos precisam entender que, quan-



Francisco Rollemberg se formou em 15 de dezembro de 1959

do o paciente procura um médico, é porque ele está sofrendo. E a função do médico é uma função divina. É aliviar a dor. O que precisa ser reforçado é a formação cultural e intelectual, além do caráter de quem vai exercer a profissão com ética. Numa época como a que nós estamos vivendo, na qual se manda buscar médico em Cuba sob o argumento de que aqui tem poucos médicos, ao mesmo passo que se criam faculdades de Medicina a granel, eu acho que os nossos generalistas que se formavam em seis anos estavam muito acima. Infelizmente, o sentido da valorização do médico pelo Governo Federal, sem o reconhecimento do trabalho dele para o desenvolvimento do País, há muito, tem prejudicado a prática e o ensino médicos.

Revista Somese - O Conselho Federal de Medicina e a Associação Médica Brasileira têm avaliado que a saúde se torna, cada vez mais, um objeto de mercantilização.

FR - Eu defendo a carreira do médico. Tem que ter carreira de Estado, como juiz e qualquer outro profissional. Mas o Governo Federal parece não querer avançar nessa discussão.

Revista Somese - O Conselho e a Associação também têm criticado algumas ações do Governo Federal em relação à criação de novos cursos de Medicina, além



Francisco no Hospital São João de Deus, em Laranjeiras, no ano de 1960

de caracterizar um cenário de favorecimento à indústria do ensino médico. O senhor concorda?

FGR - Concordo plenamente com a crítica do Conselho Federal de Medicina. O crescimento e a expansão dos cursos de Medicina, sem a devida fiscalização, prejudicam o profissional e, por consequência, os pacientes. Um mau médico mata mais que doença. É preciso saber como são criados esses cursos, garantir a carreira de Estado, trabalho em tempo integral e um salário digno para que o médico viva e trabalhe com dignidade. Meus professores trabalhavam em regime de dedicação exclusiva, e é assim que tem que ser. O ensino não pode ser um bico.

Revista Somese - Qual a influência da Somese no debate sobre o ensino médico? Há diálogo com as universidades?

FR - A direção da Somese é composta de médicos e professores de Medicina da Universidade Federal de Sergipe [UFS] e da Universidade Tiradentes - Unit. São vários mestres e doutores preocupados com esse problema. Então, a interação da Somese é convergente no sentido de melhorar cada vez mais o ensino médico. Por isso que lutamos pela educação continuada. O médico não pode parar de estudar. Tem que ir para congressos, fazer pesquisas e etc.

Revista Somese - O senhor é definido pelos seus colegas como um médico humanista. Essa era uma característica do seu curso de Medicina ou uma característica pessoal?

FR - O humanismo é uma coisa de cada um. Eu me considero humanista desde criança. Morei em uma cidade pequena, em Laranjeiras. Minha casa era um sobrado em frente a um posto médico e, dali, eu via muitas pessoas chegando doentes, algumas morrendo. Aquilo me causava uma angústia muito grande. Eu sentia um mal estar, porque não sabia como ajudar. Inicialmente, pensei em ser padre, achando que, me vinculando à religião, poderia ajudar muitas pessoas. Porém, o tempo foi me mostrando que, embora a fé e a religião sejam importantes na vida de cada um de nós, mas para a solução dos problemas materiais, temos que agir materialmente. E foi a medicina que mostrou o meu caminho. Por isso, eu tenho muito amor à minha profissão. Amo mais ainda os meus pacientes. Todos eles são meus amigos, porque eu tive a paciência de ouvi-los e tratá-los com muito carinho.